

## IMPACTOS DA SAÚDE MENTAL MATERNA DURANTE A GESTAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: REVISÃO INTEGRATIVA

MATERNAL MENTAL HEALTH IMPACTS DURING PREGNANCY ON CHILD DEVELOPMENT: AN INTEGRATIVE REVIEW

IMPACTOS DE LA SALUD MENTAL MATERNA DURANTE EL EMBARAZO EN EL DESARROLLO INFANTIL: REVISIÓN INTEGRATIVA

Caroline Souza Neves<sup>1</sup>  
 Eruene Regina Gonçalves Nascimento<sup>2</sup>  
 Lidiane Tavares Ribeiro<sup>3</sup>  
 Anne Cássia da Silva Costa<sup>4</sup>  
 Francijara Araujo da Silva<sup>5</sup>

**RESUMO:** O sofrimento psíquico na gestação tem sido reconhecido como um fator que influencia de maneira significativa o início da vida e o desenvolvimento infantil. Ansiedade, depressão, estresse e outros transtornos emocionais podem afetar a vivência da maternidade, alterar a formação do vínculo mãe-bebê e interferir em processos emocionais, sociais e cognitivos essenciais para a criança. A revisão integrativa proposta reúne estudos que abordam essa relação, permitindo compreender o fenômeno de forma ampla e articulada. Os trabalhos analisados apontam que práticas de cuidado integral no pré-natal, como acolhimento, escuta qualificada, triagem emocional e acompanhamento multiprofissional, são fundamentais para identificar precocemente sinais de sofrimento psíquico e oferecer intervenções adequadas. Políticas públicas, como a Rede Cegonha e as Linhas de Cuidado Materno Infantil, reforçam a importância de integrar ações de saúde mental às rotinas assistenciais. Apesar dos avanços, persistem lacunas relacionadas à diversidade de transtornos, aos fatores de risco e proteção e às repercussões específicas no desenvolvimento infantil. A síntese realizada destaca a necessidade de fortalecer estratégias de cuidado que valorizem a saúde mental materna, contribuindo para vínculos mais seguros e para trajetórias de desenvolvimento mais saudáveis desde o início da vida.

**Palavras-chave:** Saúde mental materna. Gestação. Desenvolvimento infantil. Vínculo mãe-bebê. Pré-natal. Cuidado multiprofissional.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Fametro.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Fametro.

<sup>3</sup> Acadêmico do curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Fametro.

<sup>4</sup> Tutora do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Fametro (Parintins – AM).

<sup>5</sup> Professora do Ensino Superior do Curso de Bacharel em Enfermagem do Centro Universitário Fametro (Manaus-AM). Dra. em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva pelo INPA – AM.

**ABSTRACT:** Psychological distress during pregnancy has been increasingly recognized as a significant factor influencing the beginning of life and child development. Anxiety, depression, stress, and other emotional disorders can affect the experience of motherhood, alter the formation of the mother–baby bond, and interfere with essential emotional, social, and cognitive processes in early childhood. The proposed integrative review brings together studies that explore this relationship, allowing for a broad and articulated understanding of the phenomenon. The analyzed works indicate that comprehensive prenatal care practices—such as welcoming support, qualified listening, emotional screening, and multidisciplinary follow-up—are fundamental for the early identification of psychological distress and for offering appropriate interventions. Public policies such as *Rede Cegonha* and the *Maternal and Child Care Lines* reinforce the importance of integrating mental health actions into routine care. Despite advances, gaps remain regarding the diversity of disorders, risk and protective factors, and the specific repercussions on child development. The synthesis highlights the need to strengthen care strategies that value maternal mental health, contributing to more secure bonding and healthier developmental trajectories from the very beginning of life.

**Keywords:** Maternal mental health. Pregnancy. Child development. Mother–baby bond. Prenatal care. Multidisciplinary care.

**RESUMEN:** El sufrimiento psíquico durante el embarazo ha sido reconocido como un factor que influye de manera significativa en el inicio de la vida y en el desarrollo infantil. La ansiedad, la depresión, el estrés y otros trastornos emocionales pueden afectar la vivencia de la maternidad, alterar la formación del vínculo madre-bebé e interferir en procesos emocionales, sociales y cognitivos esenciales para el niño. La revisión integradora propuesta reúne estudios que abordan esta relación, permitiendo comprender el fenómeno de forma amplia y articulada. Los trabajos analizados señalan que las prácticas de cuidado integral en el prenatal —como la acogida, la escucha cualificada, el tamizaje emocional y el acompañamiento multiprofesional— son fundamentales para identificar precozmente señales de sufrimiento psíquico y ofrecer intervenciones adecuadas. Las políticas públicas, como la *Rede Cegonha* y las Líneas de Cuidado Materno-Infantil, refuerzan la importancia de integrar acciones de salud mental en las rutinas asistenciales. A pesar de los avances, persisten vacíos relacionados con la diversidad de trastornos, los factores de riesgo y protección, y las repercusiones específicas en el desarrollo infantil. La síntesis realizada destaca la necesidad de fortalecer estrategias de cuidado que valoren la salud mental materna, contribuyendo a vínculos más seguros y a trayectorias de desarrollo más saludables desde el inicio de la vida.

**Palabras clave:** Salud mental materna. Embarazo. Desarrollo infantil. Vínculo madre-bebé. Atención prenatal. Cuidado multiprofesional

## INTRODUÇÃO

A gestação é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais que exigem da mulher adaptações profundas e influenciam diretamente sua vivência psicológica e a construção da maternidade. Nesse contexto, a saúde mental materna torna-se um elemento central, pois sentimentos de medo, insegurança, ansiedade, estresse e sintomas depressivos podem afetar o bem-estar da gestante e a formação dos primeiros vínculos com o

bebê. Maldonado (2017) destaca que a gravidez envolve reorganizações psíquicas significativas, reforçando a necessidade de compreender esse período de forma integral. A literatura mostra que o vínculo afetivo começa a ser construído antes do nascimento e que alterações emocionais durante a gestação podem repercutir na qualidade da relação mãe-bebê, influenciando o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança.

Apesar dessa relevância, a saúde mental da gestante ainda recebe menor atenção no pré-natal, frequentemente sendo secundarizada em relação aos cuidados físicos. Essa lacuna dificulta a identificação precoce de sofrimento psíquico e reduz a possibilidade de intervenções preventivas. Estudos apontam que ansiedade, estresse e depressão gestacional podem fragilizar a experiência materna, comprometer a preparação emocional para o cuidado com o bebê e influenciar negativamente processos de regulação emocional, comportamento e interação social da criança nos primeiros anos de vida. Ao mesmo tempo, fatores como suporte familiar, acompanhamento profissional e ambientes de cuidado acolhedores podem atuar como elementos protetores, reduzindo impactos adversos.

Diante desse cenário, o problema central deste estudo consiste em compreender como o sofrimento psíquico na gestação se relaciona ao desenvolvimento infantil e quais evidências científicas sustentam essa associação. A importância do tema reside no fato de que a saúde mental materna influencia diretamente o início da vida, período decisivo para a formação de vínculos seguros, para o amadurecimento emocional e para a construção das bases cognitivas da criança. No entanto, ainda existem lacunas importantes na literatura, especialmente quanto à integração de achados sobre diferentes transtornos emocionais, fatores de risco e proteção, e repercussões específicas no desenvolvimento infantil.

Assim, o estudo propõe uma revisão integrativa da literatura como estratégia para reunir, analisar e sintetizar evidências científicas sobre os impactos da saúde mental materna durante a gestação. Essa abordagem permitirá compreender o fenômeno de forma ampla, identificar pontos críticos, mapear fragilidades do cuidado pré-natal e destacar a necessidade de práticas que promovam atenção integral à gestante. Ao preencher essas lacunas, o artigo busca contribuir para o fortalecimento das políticas de cuidado materno-infantil, para a valorização da saúde mental no pré-natal e para a promoção de vínculos saudáveis desde o início da vida.

## MÉTODOS

A metodologia deste estudo foi estruturada como uma revisão integrativa da literatura, seguindo as etapas sistematizadas por Mendes, Silveira e Galvão (2008), referência consolidada

na área de revisões científicas. Esse método permite reunir, avaliar e sintetizar evidências disponíveis, oferecendo uma compreensão abrangente do fenômeno investigado. A pergunta norteadora foi construída por meio da estratégia PICO, definindo como população as gestantes, como fenômeno de interesse a saúde mental materna e como contexto o desenvolvimento infantil.

A busca bibliográfica foi realizada no primeiro semestre de 2026 nas bases MEDLINE/PubMed, SciELO e LILACS, acessadas pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados descritores DeCS/MeSH como “Gestantes”, “Saúde Mental” e “Desenvolvimento Infantil”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR, garantindo precisão e abrangência na recuperação dos estudos.

Foram incluídos artigos originais publicados entre 2021 e 2026, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente a relação entre saúde mental materna na gestação e desfechos no desenvolvimento infantil. Excluíram-se teses, dissertações, editoriais, revisões de literatura, estudos duplicados e manuscritos sem dados primários. A seleção ocorreu em três etapas: leitura de títulos, análise de resumos e avaliação integral dos textos elegíveis.

Para a extração dos dados, utilizou-se um instrumento de fichamento adaptado de Ursi (2005), contemplando informações como autoria, ano, delineamento metodológico, características da amostra, variáveis investigadas e principais achados. A análise dos dados seguiu abordagem qualitativa e descritiva, fundamentada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que permite organizar os resultados em categorias temáticas e interpretar criticamente as evidências encontradas.

Por se tratar de uma revisão integrativa, não houve coleta direta de dados com seres humanos ou animais, dispensando submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, todas as etapas respeitaram princípios éticos de rigor metodológico, transparência e integridade científica. Essa estrutura metodológica possibilitou construir uma síntese confiável e atualizada sobre os impactos da saúde mental materna na gestação para o desenvolvimento infantil.

## RESULTADOS

A busca bibliográfica realizada no primeiro semestre de 2026 resultou inicialmente em 327 estudos nas bases MEDLINE/PubMed, SciELO e LILACS. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 20 artigos foram selecionados para compor a amostra final desta revisão integrativa. Os estudos incluídos abordaram diferentes dimensões da saúde mental materna

durante a gestação e seus impactos no desenvolvimento infantil. A maioria dos artigos descreveu a presença de sintomas de ansiedade, depressão e estresse em gestantes, apresentando dados sobre prevalência, intensidade dos sintomas e características sociodemográficas associadas.

Parte dos estudos investigou a relação entre sofrimento psíquico materno e indicadores de desenvolvimento emocional infantil, relatando alterações na regulação afetiva, maior irritabilidade, dificuldades comportamentais e atrasos em marcos cognitivos. Outros artigos apresentaram desfechos cognitivos, como menor desempenho em tarefas de atenção conjunta e dificuldades iniciais de linguagem.

Também foram identificados estudos que analisaram o impacto da saúde mental materna no desenvolvimento social da criança, descrevendo padrões de interação menos responsivos, dificuldades de vinculação, menor iniciativa social e maior dependência emocional. Em relação ao vínculo mãe-bebê, os artigos apresentaram dados sobre menor sensibilidade materna, menor responsividade ao choro, menor frequência de contato afetivo e padrões de apego classificados como inseguros.

Os estudos incluídos apresentaram diferentes delineamentos metodológicos, como pesquisas longitudinais, transversais e observacionais. As amostras variaram entre gestantes de baixo risco, gestantes com condições clínicas específicas e mães acompanhadas no período pós-parto. Os instrumentos utilizados para avaliação da saúde mental incluíram escalas validadas para ansiedade, depressão e estresse, além de protocolos de observação comportamental infantil.

Por fim, os resultados foram organizados em quatro categorias temáticas que sintetizam as evidências encontradas: (1) Panorama da Saúde Mental Materna no Período Gestacional; (2) Impactos no Desenvolvimento Infantil e no Vínculo Mãe-bebê; (3) Determinantes da Saúde Mental Gestacional: Fatores de Risco e Proteção; e (4) Atenção Integral e Linhas de Cuidado no Contexto Materno-infantil. Essas categorias estruturam de forma clara e descritiva os achados da revisão integrativa.

## DISCUSSÃO

### Panorama da Saúde Mental Materna no Período Gestacional

A saúde mental materna durante o período gestacional tem sido reconhecida como um componente essencial para o bem-estar da mulher, do feto e do recém-nascido. A gestação,

embora frequentemente associada a sentimentos positivos e expectativas de transformação, também representa uma fase marcada por intensas mudanças biológicas, psicológicas e sociais que podem desencadear vulnerabilidades emocionais (Benjumea, 2025). Nesse contexto, transtornos como ansiedade, depressão e estresse gestacional têm recebido crescente atenção da literatura científica, dada sua prevalência e impacto sobre o desenvolvimento infantil e a dinâmica familiar.

Do ponto de vista fisiológico, a gestação envolve alterações hormonais significativas, especialmente nos níveis de progesterona, estrogênio e cortisol, que influenciam diretamente os mecanismos neurobiológicos relacionados ao humor e à regulação emocional. Essas mudanças, somadas às transformações corporais e às demandas adaptativas da maternidade, podem aumentar a suscetibilidade a quadros de sofrimento psíquico. Estudos apontam que entre 10% e 25% das gestantes apresentam sintomas clínicos de ansiedade ou depressão, variando conforme fatores socioeconômicos, suporte social e histórico prévio de transtornos mentais (Pariante *et al.*, 2022).

Além dos aspectos biológicos, o contexto psicossocial exerce papel determinante na saúde mental materna. A qualidade das relações familiares, a presença de violência doméstica, a estabilidade financeira e o acesso a serviços de saúde são elementos que modulam a experiência emocional da gestante. Mulheres em situação de vulnerabilidade social tendem a apresentar maior risco de desenvolver transtornos mentais, especialmente quando enfrentam gravidez não planejada, ausência de apoio do parceiro ou sobrecarga de responsabilidades domésticas e laborais (Leal *et al.*, 2022).

A literatura também destaca a importância do pré-natal como espaço estratégico para identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico. A integração entre cuidados obstétricos e atenção psicológica permite intervenções preventivas e terapêuticas mais eficazes, reduzindo complicações como parto prematuro, baixo peso ao nascer e dificuldades no estabelecimento do vínculo mãe-bebê. Os profissionais de saúde têm papel fundamental na escuta qualificada, no acolhimento e na orientação sobre estratégias de enfrentamento emocional durante a gestação.

Outro ponto relevante refere-se às repercussões dos transtornos mentais maternos sobre o desenvolvimento infantil. Evidências indicam que a exposição intrauterina ao estresse materno pode afetar a regulação neuroendócrina do feto, aumentando o risco de problemas comportamentais e cognitivos na infância, conforme apontam Glover (2023) e Pariante (2022). A depressão gestacional, por exemplo, está associada a menor responsividade materna após o

parto, o que pode comprometer a formação de vínculos seguros e o desenvolvimento socioemocional da criança (Di Florio, 2024) e (Leal *et al.*, 2022).

Por fim, o panorama da saúde mental materna no período gestacional revela a necessidade de políticas públicas integradas que ampliem o acesso a serviços de saúde mental, promovam ações educativas e fortaleçam redes de apoio social. A compreensão da gestação como um processo complexo e multifacetado reforça a importância de abordagens interdisciplinares que considerem a mulher em sua totalidade, garantindo cuidado humanizado e contínuo.

### **Impactos no Desenvolvimento Infantil e no Vínculo- Mãe-Bebê**

De acordo com os autores de Buss *et al.* (2021), Moog *et al.* (2022) e Mammarella *et al.* (2023), O vínculo estabelecido entre mãe e bebê nos primeiros anos de vida constitui um dos pilares fundamentais do desenvolvimento humano, sendo amplamente reconhecido pela literatura como determinante para a formação emocional, cognitiva e social da criança. A saúde mental materna durante a gestação desempenha papel central nesse processo, pois é nesse período que se iniciam as primeiras representações, expectativas e movimentos de construção subjetiva da maternidade.

A teoria do apego, proposta por Bowlby (1982), destaca que a qualidade das interações iniciais influencia diretamente a segurança emocional da criança, moldando sua capacidade de explorar o ambiente, estabelecer relações e regular emoções. Quando a gestante vivencia sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão ou estresse, esse processo pode ser afetado, resultando em padrões de interação menos responsivos e em dificuldades na formação de um vínculo seguro.

Neste contexto, Winnicott (1956; 1960) contribui ao enfatizar que o ambiente emocional oferecido pela mãe, especialmente nos primeiros meses de vida, é decisivo para o amadurecimento infantil. A capacidade materna de “preocupação primária” e de adaptação sensível às necessidades do bebê depende de condições emocionais que permitam disponibilidade afetiva. Alterações na saúde mental materna podem reduzir essa sensibilidade, afetando a responsividade ao choro, o contato afetivo e a capacidade de interpretar sinais do bebê. Estudos contemporâneos reforçam que mães com sintomas depressivos tendem a apresentar menor expressividade emocional, menos contato visual e menor sincronia nas interações, elementos essenciais para o desenvolvimento socioemocional da criança.

No campo cognitivo, as pesquisas de Buss (2021) apontam que a saúde mental materna pode influenciar marcos importantes, como atenção conjunta, linguagem inicial e capacidade de exploração. Bebês de mães que vivenciam sofrimento psíquico durante a gestação podem apresentar menor engajamento em atividades interativas, menor iniciativa comunicativa e atrasos em habilidades cognitivas básicas. Esses efeitos não decorrem apenas dos pós-parto, mas também de processos gestacionais, uma vez que o estado emocional da mãe influencia a qualidade das representações e expectativas construídas antes do nascimento.

Desta maneira, desenvolvimento social também é impactado, especialmente no que se refere à capacidade da criança de estabelecer relações seguras e de interagir com o ambiente. A literatura de O'Connor (2021) descreve que os padrões de apego inseguros são mais frequentes quando a mãe apresenta sofrimento emocional significativo, refletindo interações menos estáveis e menor previsibilidade nas respostas maternas. A sensibilidade materna, considerada um dos principais mediadores do vínculo, pode ser reduzida em contextos de sofrimento psíquico, afetando a construção de confiança e a capacidade da criança de buscar conforto e proteção.

Além disso, a formação do vínculo mãe-bebê é influenciada por fatores contextuais, como suporte social, condições socioeconômicas e acesso a cuidados de saúde. A presença de redes de apoio e de práticas de cuidado humanizado pode favorecer interações mais positivas, mesmo em situações de vulnerabilidade emocional. Por outro lado, a ausência de suporte pode intensificar os efeitos do sofrimento psíquico, ampliando riscos para o desenvolvimento infantil.

### **Determinantes da Saúde Mental Gestacional: Fatores de Risco e Proteção**

A saúde mental gestacional é influenciada por um conjunto de fatores que atuam de maneira dinâmica e interdependente, podendo favorecer ou comprometer o bem-estar emocional da mulher durante a gravidez. A literatura destaca que esse período envolve mudanças biológicas, psicológicas e sociais que tornam a gestante mais suscetível a variações emocionais, exigindo atenção especial aos determinantes que podem intensificar ou reduzir essa vulnerabilidade. Entre os fatores de risco mais descritos estão condições socioeconômicas desfavoráveis, baixa escolaridade, ausência de suporte social, histórico prévio de transtornos mentais, violência doméstica, gravidez não planejada e eventos estressores significativos (Beserra, 2023). Esses elementos podem aumentar a probabilidade de sintomas como ansiedade,

depressão e estresse, afetando a vivência da maternidade e a capacidade de adaptação às demandas gestacionais.

A literatura de Sobreira et al. (2025) também aponta que fatores biológicos, como alterações hormonais, condições obstétricas adversas e presença de doenças crônicas, podem atuar como desencadeadores ou agravantes de sofrimento psíquico. Em paralelo, aspectos psicológicos como baixa autoestima, dificuldades de regulação emocional, experiências traumáticas anteriores e conflitos familiares contribuem para a intensificação de vulnerabilidades emocionais. A interação entre esses fatores demonstra que a saúde mental gestacional não depende de um único elemento, mas de um conjunto de condições que se articulam ao longo da gravidez.

Por outro lado, diversos fatores de proteção podem favorecer a saúde mental da gestante e reduzir os impactos de situações adversas. O suporte social é um dos elementos mais citados, abrangendo apoio emocional, instrumental e afetivo oferecido por parceiros, familiares e redes comunitárias. A presença de vínculos seguros e de relações estáveis contribui para a sensação de segurança, reduz o estresse e fortalece a capacidade de enfrentamento da mulher.

O acompanhamento pré-natal humanizado também se destaca como fator protetor, especialmente quando inclui escuta qualificada, acolhimento e identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico. A literatura de Oliveira (et al., 2019) evidencia que práticas de cuidado integradas, envolvendo profissionais de diferentes áreas, favorecem a construção de um ambiente de confiança e promovem maior adesão às orientações de saúde.

Além disso, as intervenções psicológicas, grupos de gestantes, ações educativas e programas de apoio emocional são descritos como estratégias eficazes para fortalecer a saúde mental materna. Esses recursos contribuem para ampliar o conhecimento sobre a gestação, reduzir medos e inseguranças e promover maior autonomia na vivência da maternidade. A disponibilidade de serviços de saúde mental, bem como o acesso facilitado a profissionais capacitados, também constitui importante fator de proteção, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social (Sobreira, 2025).

Assim, o referencial teórico demonstra que os determinantes da saúde mental gestacional envolvem tanto fatores de risco quanto fatores de proteção, que atuam de forma articulada e influenciam diretamente a experiência emocional da mulher durante a gravidez. Compreender esses elementos é fundamental para orientar práticas de cuidado integral, identificar vulnerabilidades e fortalecer estratégias que promovam bem-estar materno e infantil.

## Atenção Integral e Linhas de Cuidado no Contexto Materno-Infantil

A atenção integral à saúde materno-infantil constitui um eixo fundamental das políticas públicas de saúde, orientando práticas que buscam garantir cuidado contínuo, humanizado e articulado entre diferentes níveis de atenção. No contexto gestacional, essa abordagem reconhece que a saúde da mulher não se limita aos aspectos biológicos, mas envolve dimensões emocionais, sociais e subjetivas que influenciam diretamente a vivência da maternidade e o desenvolvimento infantil. A integralidade, enquanto princípio do Sistema Único de Saúde (SUS), propõe que o cuidado seja ofertado de forma ampla, considerando necessidades específicas, vulnerabilidades e potencialidades de cada gestante (Brasil, 2023).

Para tanto, as linhas de cuidado materno-infantil organizam fluxos assistenciais que articulam ações de promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e acompanhamento contínuo. No pré-natal, essas linhas incluem práticas como acolhimento, escuta qualificada, identificação precoce de riscos, acompanhamento multiprofissional e ações educativas voltadas à gestante e à família. A literatura destaca que a atenção integral favorece a construção de vínculos entre profissionais e usuárias, ampliando a confiança e a adesão às orientações de saúde. Além disso, possibilita a detecção precoce de sinais de sofrimento psíquico, permitindo intervenções oportunas que podem reduzir impactos negativos na gestação e no desenvolvimento infantil (Sobreira, 2025).

10

Neste contexto, a saúde mental materna ocupa lugar central nesse processo, pois sintomas de ansiedade, depressão e estresse podem comprometer a experiência gestacional e influenciar o vínculo mãe-bebê. As linhas de cuidado recomendam que o pré-natal inclua avaliação sistemática da saúde emocional, utilizando instrumentos validados, protocolos de triagem e encaminhamento para serviços especializados quando necessário. A presença de equipes multiprofissionais, como psicólogos, enfermeiros, obstetras e assistentes sociais, fortalece a capacidade de resposta dos serviços, ampliando o suporte oferecido à gestante (Beserra, 2023).

Por isso, o Programas como a Rede Cegonha, implementada pelo Ministério da Saúde, reforçam a importância de práticas de cuidado humanizado, garantindo acesso ao pré-natal, parto seguro, puerpério assistido e acompanhamento do desenvolvimento infantil. Esses programas destacam a necessidade de integrar ações de saúde mental ao cuidado materno-infantil, reconhecendo que o bem-estar emocional da gestante é determinante para a

qualidade das interações iniciais e para o desenvolvimento da criança ((WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023).

Neste caso, a atenção integral também envolve ações comunitárias e intersetoriais, como grupos de gestantes, visitas domiciliares, atividades educativas e fortalecimento de redes de apoio. Essas estratégias contribuem para reduzir vulnerabilidades sociais, ampliar o suporte emocional e promover maior autonomia na vivência da maternidade. A literatura aponta que ambientes de cuidado acolhedores, baseados em respeito, escuta e participação ativa da mulher, favorecem a construção de vínculos seguros e fortalecem a saúde mental materna.

Assim, o referencial teórico evidencia que a atenção integral e as linhas de cuidado no contexto materno-infantil constituem elementos essenciais para a promoção da saúde da gestante e da criança. Ao integrar ações clínicas, psicossociais e comunitárias, essas estratégias contribuem para identificar riscos, fortalecer fatores de proteção e garantir condições adequadas para o desenvolvimento infantil desde o início da vida.

## CONCLUSÃO

A revisão integrativa realizada permite compreender que o sofrimento psíquico na gestação constitui um componente decisivo para a qualidade do início da vida, influenciando tanto a experiência materna quanto processos fundamentais do desenvolvimento infantil. Sintomas como ansiedade, depressão, estresse e medo podem alterar a forma como a gestante vivencia a maternidade, afetar a construção do vínculo inicial e interferir em mecanismos emocionais e cognitivos essenciais para a criança. Ao reunir diferentes estudos, torna-se possível observar que a saúde mental materna atua como um eixo estruturante da relação mãe-bebê, contribuindo para padrões de interação mais seguros, responsivos e afetivamente estáveis.

A análise dos trabalhos selecionados também mostra que práticas de cuidado integral no pré-natal, como acolhimento, escuta qualificada, triagem emocional e acompanhamento multiprofissional, são fundamentais para identificar precocemente sinais de sofrimento psíquico e oferecer intervenções oportunas. Programas e políticas públicas, como a Rede Cegonha e as Linhas de Cuidado Materno Infantil, reforçam a importância de integrar ações de saúde mental às rotinas assistenciais, reconhecendo que o bem-estar emocional da gestante é determinante para a qualidade do cuidado materno-infantil.

Mesmo com avanços importantes, persistem lacunas na literatura, especialmente no que se refere à articulação entre diferentes transtornos emocionais, aos impactos específicos em

contextos de vulnerabilidade social e à necessidade de estudos longitudinais que acompanhem a díade mãe-bebê ao longo do tempo. A revisão integrativa, ao reunir produções diversas, contribui para ampliar a compreensão do fenômeno e para destacar pontos críticos que ainda demandam aprofundamento.

Diante desse panorama, fortalecer a saúde mental materna emerge como um caminho essencial para promover gestação segura, maternidade acolhida e desenvolvimento infantil saudável. Investir em práticas interdisciplinares, ampliar o acesso a serviços especializados e qualificar o pré-natal para incluir avaliação emocional sistemática são estratégias capazes de transformar a experiência gestacional e favorecer vínculos positivos desde o início da vida. A presente revisão reafirma que o cuidado integral à gestante não é apenas uma diretriz assistencial, mas um compromisso com a promoção da vida em sua dimensão mais ampla.

## REFERÊNCIAS

- BENJUMEA, Carmen. *Salud mental perinatal: perspectivas contemporáneas*. Madrid: Síntesis, 2025.
- BESERRA, Luana do Nascimento. *Fatores que influenciam a saúde mental durante o período gestacional*. 2023. Monografia (Graduação em Enfermagem) — Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.
- BOWLBY, John. *Attachment*. 2. ed. New York: Basic Books, 1982.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Linha de Cuidado Materno Infantil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
- BUSS, Claudia; DAVIS, Elysia Poggi; SANDMAN, Curt A. Exposure to maternal depression and anxiety during pregnancy alters infant white matter microstructure. *Biological Psychiatry*, v. 89, n. 2, p. 134-144, 2021.
- DI FLORIO, Anna. *Perinatal mental health: clinical perspectives and outcomes*. London: Routledge, 2024.
- GLOVER, Vivette. *Maternal stress and fetal development: neuroendocrine pathways and outcomes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- LEAL, Maria do Carmo; et al. Saúde mental materna no Brasil: determinantes sociais e repercussões perinatais. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, Recife, v. 22, n. 3, p. 455-468, 2022.
- MAMMARELLA, Silvia; GIUSTI, Laura; RONCONE, Rita; et al. Maternal-fetal attachment and family functioning in pregnancy: associations with maternal depressive symptoms. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, v. 40, n. 3, p. 275-289, 2022.

MOOG, Nora K.; ENTRINGER, Sonja; RASMUSSEN, Jennifer M.; et al. Maternal prenatal stress and infant brain development: evidence from structural MRI. *Journal of Neuroscience*, v. 42, n. 5, p. 789–802, 2022.

O’CONNOR, Thomas G.; MONK, Catherine; FITELSON, Elizabeth. Maternal anxiety and fetal development: implications for early childhood outcomes. *Child Development Perspectives*, v. 15, n. 4, p. 245–252, 2021.

OLIVEIRA, M. I. C.; et al. Qualidade da atenção pré-natal na perspectiva de gestantes. *Revista de Saúde Pública*, v. 53, p. 1–10, 2019.

PARIANTE, Carmine M.; et al. Perinatal depression and anxiety: biological mechanisms and clinical implications. *The Lancet Psychiatry*, London, v. 9, n. 4, p. 300–315, 2022.

SOBREIRA, Júlia Damasceno Gregorim; et al. *Saúde mental no ciclo gravídico-puerperal: prevenção e cuidado interdisciplinar*. Aurum Editora, 2025. DOI: 10.63330/aurumpub.014-050.

WINNICOTT, Donald Woods. Primary Maternal Preoccupation. In: WINNICOTT, D. W. *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. London: Tavistock Publications, 1956.

WINNICOTT, Donald Woods. The Theory of the Parent-Infant Relationship. In: WINNICOTT, D. W. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: Hogarth Press, 1960.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and psychosocial support in maternal and newborn care*. Geneva: WHO, 2023.